

Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura

Sex Offenders and the Rorschach Test: Literature Review

Perpetradores de Violencia Sexual y el test de Rorschach: Revisión de la Literatura

*Áquila Zilki**

*Larissa Lemes Aguiar***

*Rodrigo Perissinotto****

*Ana Cristina Resende*****

Resumo

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão da literatura de publicações que investigam a personalidade do autor de violência sexual por meio do teste de Rorschach. Realizou-se uma busca bibliográfica nas bases de dados PubMed, Psycnet, Web of Science, PePSIC e SciELO, com descritores: “Sex Offender”, “Pedophile”, “Sex Offenses”, “Sexual Molester”, “Sexual Violence” e “Rapist”, combinados com Rorschach. A busca foi limitada aos artigos publicados nos idiomas inglês, espanhol e português, dos últimos quinze anos, considerando os Sistemas Compreensivo e de Avaliação por Performance no Rorschach, com autores de violência do sexo masculino, e tendo como vítimas crianças e adolescentes. Ao total foram encontrados nove artigos, e a análise apontou que os AVSs podem ter comprometimento nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e na tendência a responder de modo impulsivo. Tais achados podem colaborar na criação de estratégias de intervenção e tratamento para esse público. Futuros estudos, que considerem diferentes bases de dados e descritores, poderão comparar os resultados encontrados, enriquecendo o processo de investigação nesta área.

Palavras-chave: *Agressões Sexuais; Personalidade; Teste de Rorschach.*

* Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: aquila.asgr@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: lalylemes@hotmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: dperissinotto@gmail.com

**** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: profa.resende@gmail.com

Abstract

The objective of this study was to conduct a review of publications that investigate the personality of the sex offender through the Rorschach test. A bibliographic search was performed in the databases Pubmed, Psycnet, Web of Science, PePSIC and SciELO with descriptors: "Sex Offender", "Pedophile", "Sex Offenses", "Sexual Molester", "Sexual Violence" and "Rapist" combined with Rorschach. The search was limited to articles published in English, Spanish and Portuguese, during the last fifteen years, considering the Comprehensive and Rorschach Performance Assessment Systems, with male perpetrators of violence, and having children and adolescents and as victims. Nine articles were found and the analysis pointed out that AVS may have impairments in cognitive, affective, self-perception and tendency to respond impulsively. Such findings may contribute to the creation of intervention and treatment strategies for this public. Future studies, which consider different databases and descriptors, will be able to compare the results found, enriching the research process in this area.

Keywords: *Sex Offenses; Personality; Rorschach Test.*

Resumen

El objetivo de este estudio fue realizar una revisión de la literatura de las publicaciones que investigan la personalidad de quien comete violencia sexual por medio del test de Rorschach. Se realizó una búsqueda bibliográfica en las bases de datos Pubmed, Psycnet, Web of Science, PePSIC y SciELO con descriptores: "Sex Offender", "Pedophile", "Sex Offenses", "Sexual Molester", "Sexual Violence" y "Rapist" combinados con Rorschach. La búsqueda se limitó a artículos publicados en inglés, español y portugués, de los últimos 15 años, considerando los Sistemas Comprensivo y de Evaluación del Desempeño en el Rorschach, con perpetradores de violencia del sexo masculino, teniendo como víctimas niños y adolescentes. En total se encontraron nueve artículos y el análisis apuntó que los PVS pueden tener alteraciones en los aspectos cognitivos, afectivos, en la autopercepción y en la tendencia a responder de manera impulsiva. Estos hallazgos pueden colaborar en la creación de estrategias de intervención y tratamiento para ese público. Los futuros estudios, que consideren diferentes bases de datos y descriptores, podrán comparar los resultados encontrados, enriqueciendo el proceso de investigación en esta área.

Palabras clave: *Delitos Sexuales; Personalidad; Test de Rorschach.*

Os comportamentos sexualmente abusivos de adultos do sexo masculino contra crianças e adolescentes têm sido evidentes ao longo da história (Marshall, 2018). Na busca por tentar compreender esse comportamento sexual violento, estudos têm se encarregado de identificar características da personalidade de pessoas que cometem este tipo de crime. A investigação da personalidade do Autor de Violência Sexual (AVS) é um árduo desafio, uma vez que são escassos os trabalhos nessa área e, além disso, cada AVS apresenta características de personalidade e sociodemográficas próprias, e não se constituem em um grupo homogêneo. Apesar disso, existem estudos que apontam que algumas características podem estar presentes com mais frequência nessas pessoas (Cortoni, Beech & Craig, 2017; Schlank, Matheny & Schilling, 2016).

Quanto às características sociodemográficas dos AVSs, vários estudos apontam para a prevalência de homens, comumente próximos de suas vítimas, de etnia branca, solteiros, com idades entre 30 e 40 anos, e baixa escolaridade (Machado, Lueneberg, Régis, & Nunes, 2008; Martins & Jorge, 2010; Santos et al., 2015; Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy, & Barros, 2009; Soares et al., 2016). Essa baixa escolaridade pode estar diretamente interligada a um baixo nível socioeconômico. Segundo Hackman, Farah e Meaney (2010), o fato de crescer em um ambiente com baixo nível socioeconômico pode estar associado a prejuízos no bem-estar psicológico, bem como detrimen- to no desenvolvimento cognitivo e emocional ao longo da vida. Além disso, os mesmos autores afirmam que pessoas que cresceram em ambientes com baixo *status* socioeconômico, tendem a apresentar mais problemas de conduta com comportamentos internalizantes (como depressão e ansiedade) e externalizantes (como agressividade e impulsividade).

Os AVSs tipicamente aderem a visões estereotipadas, hostis ou distorcidas de crianças e sexo, como também demonstram um funcionamento cognitivo problemático. Em entrevistas, muitas vezes revelam atitudes que desculpam, permitem ou toleram agressões sexuais, atitudes que indicam um senso de direito ao sexo e crenças mal adaptativas sobre relacionamentos, papéis de gênero e filhos. Pensamentos tais como “atividade sexual entre adultos e crianças não é prejudicial”, ou “uma criança que pede um abraço de um adulto está sexualmente interessada naquele

adulto”, poderiam fazer parte dessas distorções cognitivas. Esses prejuízos encontrados no presente estudo também foram corroborados pelos estudos de Ó Ciardha e Gannon (2011), Szumski e Zielona-Jenek (2016) e Zúquete e Noronha (2012).

Comumente, observa-se que a excitação sexual em relação à criança e a violência sexual contra elas têm sido consideradas como preditoras de reincidência sexual, particularmente quando combinadas com altos níveis de psicopatia. O AVS com psicopatia é uma condição que favorece o criminoso a não aprender com a experiência, e a punição recebida normalmente não o impede de se envolver com a violência sexual. Knight e Guay (2018) e Porter e Woodworth (2006) observaram que os AVSs com psicopatia tendiam a ser mais oportunistas e sem um alvo específico de vítimas, o que os deixava mais predispostos a abusar sexualmente de qualquer pessoa, tanto de crianças como de adultos.

Tipicamente, uma avaliação fisiológica, como a pletismografia peniana, tem sido considerado o melhor método para estabelecer o desvio sexual, embora esses testes não sejam isentos de suas limitações (Beech, Craig, Browne, & Wiley, 2009). Quando uma avaliação fisiológica da excitação não é possível, o desvio sexual pode ser inferido a partir de um exame da história da violência sexual, e por meio do uso de vários instrumentos de avaliação psicológica. Dentre esses instrumentos, tem-se o Teste Psicológico de Avaliação da Personalidade.

Um dos testes utilizados para a avaliação da personalidade, considerado favorável para o uso privativo do psicólogo, no Brasil, em processos de avaliação psicológica, é o teste de Rorschach. Desde a publicação desse teste, o instrumento tem sido aperfeiçoado, mesmo mantendo em seu eixo estruturante os fundamentos norteadores de seu criador (Exner Jr, & Sendín, 1999; Meyer, Viglione, Mihura, Erard, & Erdberg, 2017). Por exemplo, o Sistema Compreensivo (SC) foi desenvolvido por Exner, em 1974, que incorporou em seu sistema as informações consideradas cientificamente mais válidas e confiáveis dos cinco principais sistemas norte-americanos do teste de Rorschach disponíveis na época. Exner, juntamente com seu grupo de pesquisadores (Rorschach Research Council), realizou constantes alterações no SC, visando o aprimoramento científico do instrumento, até a

sua morte, em 2006. Surge, então, o Sistema de Avaliação por Desempenho no Rorschach (R-PAS), que foi desenvolvido com base em um corpo de pesquisas empíricas, buscando superar as limitações identificadas no SC.

O teste de Rorschach é um dos instrumentos que tem se destacado por ser eficaz no estudo de avaliação da personalidade e na identificação de psicopatologias (Nørbech, Fodstad, Kuisma, Lunde, & Hartmann, 2016; Nørbech, Grønnerød, & Hartmann, 2016).

Diante do que foi exposto, o objetivo geral deste artigo foi realizar uma revisão da literatura científica sobre os estudos que investigam a personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach no SC e R-PAS. Os objetivos específicos foram: levantar a frequência das publicações; identificar o tipo de delineamento utilizado nas pesquisas; categorizar o perfil sociodemográfico dos participantes dos estudos; identificar o contexto em que o abuso ocorreu; descrever as características de personalidade que mais se destacam nos AVSs por meio do teste de Rorschach.

MÉTODOS

Realizou-se uma busca bibliográfica acerca de AVS, avaliado por meio do Teste de Rorschach em cinco bases de dados: PubMed, Psycnet, *Web of Science*, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Estas bases de dados científicas foram selecionadas pela grande expressão apresentada no meio científico, com acervo extenso de estudos da área da saúde e Psicologia. Foram usados como descritores: “*Sex Offender*”, “*Pedophile*”, “*Sex Offenses*”, “*Sexual Molester*”, “*Sexual Violence*” e “*Rapist*”, todos combinados com o descritor “Rorschach”, nas bases PePSIC e SciELO. Nas demais bases foi utilizada a seguinte sintaxe: Rorschach AND (((Sex* Offen* OR Pedophile) OR Sex* Molest*) OR Sex* Violence) OR Rapist). A utilização do caractere asterisco (*) substitui o sufixo, fazendo com que a busca alcance todas as variações do radical. Estes são descritores do sistema *Medical Subject Headings* (MeSH), bem como variações dos mesmos utilizadas para refinar as buscas.

As bases de dados foram consultadas até o dia 30 de junho de 2019, limitada aos últimos 15 anos, e na ordem em que estão descritas: Pubmed,

Web of Science, Psycnet, PePSIC, SciELO. Os critérios de inclusão foram: o estudo ter utilizado o Rorschach SC ou R-PAS em sua coleta de dados; estar relacionado a crimes sexuais contra crianças e adolescentes; o crime ter sido praticado por adultos do sexo masculino. Os critérios de exclusão foram: artigos que não indicaram qual sistema de Rorschach foi utilizado; ser estudo de um grupo profissional específico (por exemplo, investigar somente médicos ou padres AVSs), para não enviesar a caracterização dos AVSs com um grupo específico; estar repetido nas bases (cada estudo foi contabilizado somente uma vez); ser de metanálise; não estar disponível na íntegra nas bases de dados.

Este procedimento de seleção dos artigos, com base nos critérios de inclusão e exclusão, foi realizado por mais de um pesquisador de forma independente. Os dissensos foram discutidos e resolvidos entre os pesquisadores, e uma nova busca foi realizada para confirmar se os critérios estabelecidos levariam à seleção do mesmo grupo de artigos. Desse modo, foi alcançado 100% de acordo entre os pesquisadores independentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados, segue a Figura 1, que trata do fluxograma da busca nas bases de dados, com os respectivos resultados de cada etapa.

No levantamento da frequência das publicações, em 2008, 2010 e 2013, foram levantadas duas publicações por ano, e em 2004, 2011 e 2012 somente uma por ano. Observou-se que publicações que investigam a personalidade de AVS, por meio do Rorschach, têm sido escassas. Porém, como pode ser observado no presente estudo, foram considerados apenas artigos que fizeram uso de um teste específico.

Apesar disso, entende-se que estudar os autores desse crime, por meio do teste de Rorschach, traz inúmeros benefícios, tanto para comunidade científica, como para a população de forma geral, pois pesquisas como essa podem oferecer subsídios para os profissionais que trabalham com avaliação da personalidade. Diante do total de artigos encontrados (n=9), pode-se observar um elevado percentual de estudos realizados no Brasil

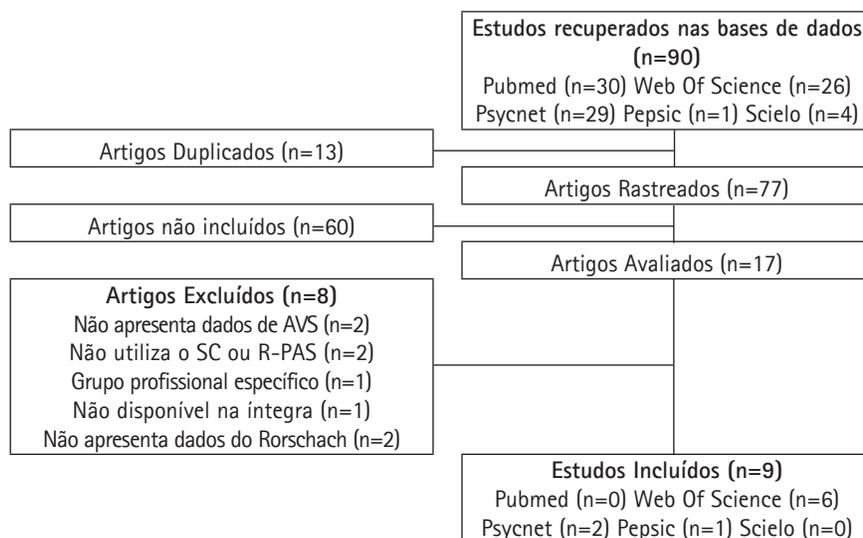


Figura 1 – Fluxograma da busca nas bases de dados.

(n=03). Contudo, esses três artigos utilizaram como método o estudo de caso, o que retrata o interesse dos autores em abordar, com profundidade, apenas uma realidade específica, o que reforça a lógica da impossibilidade de generalização dos dados.

As hipóteses para a prevalência desse tipo de estudo no Brasil seriam: a burocracia para acessar esses participantes; a pouca segurança dos sistemas carcerários, colocando em risco a vida dos pesquisadores; e o pouco investimento financeiro por parte das agências governamentais de fomento à pesquisa, o que torna públicos de difícil acesso preteridos em relação aos mais facilmente disponíveis. Por outro lado, há o predomínio dos estudos de grupo no âmbito internacional (n=6, 67%, sendo 5 deles estudos entre grupos), o que pode favorecer algumas generalizações, mas são estudos que demandam maior disponibilidade de tempo e dinheiro para serem efetuados.

De qualquer forma, o uso do Rorschach no Brasil tem sido solicitado com frequência em alguns estados brasileiros. A vantagem deste instrumento é que o examinando não precisa narrar diretamente como pensa, sente e se comporta, como ocorre em um instrumento de autorrelato

(entrevista, questionário, escala ou inventário psicológicos). A personalidade é apreendida por meio do comportamento de solução de problemas durante o teste. Ou seja, mediante o modo como filtra e organiza as informações a que dedica atenção no cartão, como justifica e aplica significado aos estímulos e às situações desenvolvidas pelo examinando.

Devido a essa metodologia indireta que emprega, o teste pode revelar características de personalidade que as pessoas não reconhecem plenamente em si, ou hesitam em admitir quando questionadas sobre elas diretamente. Nesse sentido, embora exista uma gama de instrumentos para avaliação da personalidade, o teste de Rorschach tem ocupado uma posição privilegiada e admissibilidade diante das avaliações da personalidade na área forense. O teste, quando comparado aos demais instrumentos como escalas e inventários, pode ser menos suscetível à manipulação ou dissimulação consciente e intencional por parte do examinando, o que favorece o seu uso no contexto forense (Gacono, Kivisto, Smith, & Cunliffe, 2016; Meyer et al., 2017; Nørbech, Fodstad, et al., 2016; Weiner & Greene, 2017).

Logo, considerando o tipo de delineamento das pesquisas com AVSs, foram encontrados quatro estudos de casos (44,4%) e cinco estudos de comparação entre grupos (55,6%). Todas as pesquisas foram do tipo descritivas (Tabela 1), as quais buscam conhecer e interpretar a realidade sem interferir nela, descrevendo o que de fato ocorre.

Tais estudos fornecem dados relevantes a respeito da população estudada, e podem favorecer algumas generalizações (Marczyk, Dematteo, & Festinger, 2005). No entanto, não permitem estabelecer relação de causa e efeito como ocorre em estudos com delineamentos experimentais (Davis & Bremner, 2010) ou quase-experimentais (Fife-Schaw, 2010), sendo esta uma possibilidade para novas pesquisas diante da temática estudada.

Tabela 1 – Artigos selecionados, tipo de delineamento e caracterização da amostra

Autores/Data	Delineamento	Amostra
1. Scortegagna e Amparo (2013)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	<p>Origem da amostra: Brasil Homens incestuosos (n=3) 43 anos, casado, ensino fundamental incompleto, agricultor; 46 anos, casado, ensino fundamental incompleto, auxiliar de serviços gerais; 50 anos, casado, ensino fundamental completo, motorista de ônibus.</p>
2. Scortegagna e Villemor-Amaral (2013)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	<p>Origem da amostra: Brasil Pedófilo (n=1) 38 anos, divorciado, ensino fundamental completo, comerciante.</p>
3. Young, Justice, e Erdberg (2012)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	<p>Origem da amostra: Estados Unidos Estupradores (n=45) Média de 24-35 anos, ensino médio incompleto, 20 brancos não latinos, 6 latinos, 19 afro-americanos. Abusadores (n=15) Média de 27-32 anos, ensino médio incompleto, sendo 11 brancos não latinos, 1 latino e 3 outras etnias.</p>
4. Carabellese, Maniglio, Greco, e Catanesi (2011)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	<p>Origem da amostra: Itália Estuprador (n=1) Homem de 38 anos, casado, com duas filhas (de 4 e 11 anos), ensino superior completo, enfermeiro.</p>
5. Young, Justice, e Edberg (2010)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	<p>Origem da amostra: Estados Unidos Amostra mista de AVS (n=60) Média de 32 anos predominantemente com ensino médio incompleto, 52% caucasianos, 32% negros, 12% latinos, e 4% identificados como outras etnias, 77% solteiros e 63% com baixo nível socioeconômico. Criminosos não AVS (N=60) Média de 33 anos, predominantemente com ensino médio incompleto, 34% caucasianos, 37% negros, 22% latinos e 7% identificados como outras etnias, 90% solteiros e 71% com baixo nível socioeconômico.</p>

Autores/Data	Delineamento	Amostra
6. Jiménez Etcheverría (2009)	Descritivo do tipo Comparativo	<p>Origem da amostra: Chile</p> <p>Amostra mista de AVS (n=20)</p> <p>55% com idade entre 31 e 45 anos, 30% entre 23 e 58 anos, 70% com ensino fundamental (completo e incompleto), 30% ensino médio (completo e incompleto), 60% solteiros, 25% casados, 15% separados.</p> <p>Amostra de homens não AVS, mas condenados pelo crime de roubo e furto (n=30)</p> <p>Amostra dos dados normativos (n=180)</p>
7. Pasqualini-Casado, Vagostello, Villemor-Amaral, e Nascimento (2008)	Descritivo do tipo Estudo de Caso	<p>Origem da amostra: Brasil</p> <p>Homens incestuosos (n=3)</p> <p>44 anos, nasceu em Minas Gerais; 44 anos, nasceu na Bahia; 47 anos, nasceu em São Paulo Todos casados e analfabetos.</p>
8. Dåderman e Jonson (2008)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	<p>Origem da amostra: Suécia</p> <p>Estupradores (n=10)</p> <p>Idade média de 38,7, ensino médio incompleto.</p> <p>Amostra dos dados normativos com população masculina (n=350)</p> <p>Amostra com transtorno de caráter (problemas éticos ou morais n=180)</p> <p>Amostra com transtorno de personalidade antissocial (n=83)</p>
9. Huprich, Gacono, Schneider, e Bridges (2004)	Descritivo do tipo Comparativo entre grupos	<p>Origem da amostra: Estados Unidos</p> <p>Psicopatas não AVSs (n=32)</p> <p>Homicidas Sexuais (n=38)</p> <p>Pedófilos não violentos (n=39)</p> <p>Não é apresentada dados sociodemográficos, afirma-se que pedófilos são mais velhos e possuem maior nível de escolaridade do que psicopatas e homicidas sexuais.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Com relação à categorização do perfil sociodemográfico do AVS, entre os artigos pesquisados, as idades variaram de 22 a 59 anos, com prevalência na faixa etária de 30 a 40 anos (n=7). Quanto à escolaridade, predominou ensino médio incompleto para as pesquisas internacionais (Dåderman & Jonson, 2008; Jiménez Etcheverría, 2009; Young et al., 2010, 2012), seguido por ensino fundamental incompleto nas pesquisas nacionais (Pasqualini-Casado et al., 2008; Scortegagna & Amparo, 2013),

e uma pesquisa nacional com ensino fundamental completo (Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013), e apenas uma pesquisa de estudo de caso que o participante concluiu ensino superior (Carabellese et al., 2011).

Referente à etnia, apenas dois estudos internacionais apresentam essa informação (Young et al., 2010, 2012), sendo a maioria brancos. Outro dado que pode ser analisado foi o estado civil, sendo que dois dos nove estudos não apresentaram esses dados de seus participantes. Assim, pode-se observar a presença de solteiros (n=3), casados (n=3), seguido por divorciado (n=1), e dois estudos (n=2) não disponibilizaram essa informação do estado civil dos participantes.

Observou-se que as características sociodemográficas levantadas na presente revisão convergem para o perfil encontrado em outros estudos (Carvalho & Sousa, 2007; Gacono, Meloy, & Bridges, 2011). Ou seja, prevalece entre os AVSs do sexo masculino a etnia branca, estado civil solteiro, com faixa etária entre 30 a 40 anos, baixa escolaridade, ensino médio incompleto para estudos internacionais e ensino fundamental incompleto para estudos nacionais. Essa baixa escolaridade está intimamente relacionada ao baixo nível socioeconômico de boa parte da população brasileira. Hackman et al. (2010) consideram que o fato de a pessoa crescer em um ambiente social instável e inseguro, como são os ambientes socioeconômicos desfavorecidos, presumivelmente sem modelos para ensinar-lhes sobre configuração apropriada de limites, habilidades de resolução de conflitos e estratégias efetivas de enfrentamento -, está associado a prejuízos nos aspectos psicológico, cognitivo e emocional no decorrer da vida. E, ainda, essas pessoas tendem a apresentar mais problemas de conduta com comportamentos internalizantes (como depressão e ansiedade) e externalizantes (como agressividade e impulsividade). Marshall, O'Brien e Kingston (2009) observaram que muitos AVSs foram adolescentes de baixo nível socioeconômico e com problemas de aprendizagem, comportamentais e abuso de substâncias na escola, com o resultado do abandono escolar.

No que tange à identificação do contexto em que o abuso ocorreu, apenas três artigos mencionaram essa informação e discutiam o abuso intrafamiliar, tendo como vítimas filhas biológicas, enteadas e sobrinhas, sendo as vítimas adolescentes entre 14 a 17 anos (Pasqualini-Casado et al.,

2008; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Scortegagna & Amparo, 2013). De acordo com o levantamento do Ministério da Saúde (Brasil, 2013), a violência sexual contra adolescentes é a segunda violência mais frequente. Nestes casos, a violência sexual comumente acontece nos ambientes intra-familiares ou com pessoas que confiam no agressor (Machado et al., 2008; Martins & Jorge, 2010; Santos et al., 2015; Serafim et al. 2009; Soares et al., 2016).

Para analisar os resultados observados referentes à personalidade do AVS, por meio do teste de Rorschach, os autores, na maioria das vezes, apontaram as variáveis do teste que sustentavam suas discussões e considerações. No entanto, no artigo de Carabellese et al. (2011), os autores não apresentaram as variáveis que fundamentaram suas conclusões. Neste caso, os resultados encontrados neste estudo foram discutidos na medida em que possuíam alguma semelhança semântica com os resultados dos demais autores.

A partir da identificação das características de personalidade encontradas nos AVSs, foi notado que: em 77% dos estudos (n=7, sendo três estudos de caso e quatro comparativos entre grupos), os AVSs apresentaram prejuízos nos aspectos cognitivos; 100% (n=9, sendo quatro estudos de caso e cinco comparativos entre grupos) encontraram distorções na autopercepção; 62% (n=4, sendo um estudo de caso e três comparativo entre grupos) apontaram comprometimentos no âmbito dos afetos; e 44% prejuízos no controle dos impulsos (n=4, sendo quatro estudos de caso e um comparativo entre grupos). A partir desses dados levantados foi elaborada a Tabela 2, que apresenta os resumos dos achados da presente revisão da literatura sobre os aspectos psicológicos.

Tabela 2 – Aspectos psicológicos comprometidos encontrados em AVSs avaliados por meio do teste de Rorschach

Aspectos Psicológicos (n,%)	Autores (data)	Resultados
Cognitivo (n=7, 77%)	Daderman e Jonson (2008); Jiménez Etcheverría (2009); Pasqualini-Casado et al. (2008); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013) e Young et al. (2012, 2010).	Predisposição para: deliberada desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados ($X_u\% \uparrow$; $X_+\% \downarrow$); raciocinar de modo infundado/arbitrário ($X_-\% \uparrow$); processamento mais simplista e superficial das informações ($L \uparrow$); desorganização pensamento ($WSum6 \uparrow$ e PTI positivo).
Autopercepção (n=9, 100%)	Carabellese et al. (2011); Daderman e Jonson (2008); Jiménez Etcheverría (2009); Pasqualini-Casado et al. (2008); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013); Huprich et al. (2004) e Young et al. (2012, 2010).	Dificuldade para se perceber, perceber o outro ($H_{total}=0$) e para introspecção ($FD+SumV=0$); egocentrismo ($Fr+rF$ e PER), baixa autoestima ($EgoIndex \downarrow$) e autocrítica negativa ($MOR \uparrow$), tendência a comportamentos dependentes ($ODL \uparrow$); relacionamentos mais frios e distantes ($SumT=0$ e $H \downarrow$) em função da autopercepção prejudicada.
Afetivo (n=4, 44%)	Daderman e Jonson (2008); Pasqualini-Casado et al. (2008); Young et al. (2012, 2010).	Reação emocional lábil e sugestionável ($CF \uparrow$); retraimento afetivo ($Afr < 0,55$); pouco indício de remorso e culpa ($V=0$), raiva e ressentimento em relação às pessoas ou alienação emocional ($S \uparrow$).
Controle dos Impulsos (n=5, 55%)	Carabellese et al. (2011); Pasqualini-Casado et al. (2008); Scortegagna e Amparo (2013); Scortegagna e Villemor-Amaral (2013); Huprich et al. 2004.	Poucos recursos eficientes para lidar com situações estressantes ($EA \downarrow$); inabilidades empáticas e menos disposição para pensar antes de agir ($M \downarrow$), propensos a condutas autograticantes ante pressões instintivas ($FM=0$), propensos à maior agressividade (AGC).

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Assim, 77% dos estudos (n=7) observaram que os AVSs apresentavam algum prejuízo cognitivo leve, ou seja, insuficiente para caracterizar qualquer tipo de psicose ou deficiência mental (Daderman & Jonson, 2008; Jiménez Etcheverría, 2009; Pasqualini-Casado et al., 2008; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Scortegagna & Amparo, 2013; Young et al., 2010, 2012), evidenciado por quatro estudos de caso e três de comparação entre grupos.

Em relação aos estudos de caso, o que mais se destacou foi a disposição para interpretar a realidade de modo idiossincrático, um pouco distorcido ou mais subjetivo, típico de deliberada desconsideração pelos comportamentos convencionais ou socialmente esperados ($X_u\% \uparrow$ e $X_+\% \downarrow$), bem como a predisposição para percepções errôneas de si mesmo e das ações dos outros ($X_-\% \uparrow$), mas insuficientes para caracterizar pensamentos psicóticos ou típicos de retardo mental ou qualquer tipo de insanidade mental ($n=4$).

Enquanto que nos estudos de comparação entre grupos, indicavam mais distorções do pensamento ($W\text{Sum}6 \uparrow$ e PTI positivo; $n=3$) no grupo dos AVS do que em outros grupos de criminosos, ou quando comparados com dados normativos para a população geral. Isso sugere uma tendência nos AVSs de raciocinar de modo infundado ou arbitrário, com uma sequência de ideias incompreensíveis ou divagações irrelevantes que acabam por comprometer a lógica e a coerência do pensamento. Observou-se, por meio dos aspectos cognitivos, que outros estudos indicaram ($n=2$) que essas pessoas também tendem a ter processamentos cognitivos simplistas e superficiais das informações ($L \uparrow$). Assim, independente do tipo de estudo (estudo de caso ou comparativo entre grupos), de alguma forma o aspecto cognitivo aparece comprometido.

Algum grau de distorção da realidade, bem como estilo de pensamento simplista, também pode ser observado em AVSs estudados por Ryan, Baerwald, e McGlone, (2008) e Gacono et al. (2011). Esse tipo de comprometimento cognitivo pode ser percebido quando esses AVSs muitas vezes afirmam que “foram as vítimas que pediram para ter o intercurso sexual e que foi tudo consensual”, quando acreditam que “não há violência nos jogos sexuais”, ou que “friccionar as áreas genitais das crianças não gera qualquer prejuízo para elas”, ou que “o sexo com crianças é bom para elas e não gera traumas” (Ó Ciardha & Gannon, 2011; Szumski & Zielona-Jenek, 2016). Todos esses pensamentos são incompatíveis com as normas sociais, e indicam que a subjetividade, ou o raciocínio superficial, ou ainda crenças distorcidas dessas pessoas podem sobressair à percepção e elaboração mais

convencional e lógica da realidade, pois muitas dessas vítimas são crianças e adolescentes que tendem a ter sérios prejuízos no seu desenvolvimento em função dessas experiências.

Com relação à autopercepção, todos os estudos pesquisados (n=9) apontaram para algum prejuízo nesse aspecto (Carabellese et al., 2011; Dãderman & Jonson, 2008; Huprich et al., 2004; Jiménez Etcheverría, 2009; Pasqualini-Casado et al., 2008; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Scortegagna & Amparo, 2013; Young et al., 2010, 2012).

Uma das características que se destacaram foi o traço narcisista (n=3; Fr+rF e PER), indicado por dois artigos de comparação entre grupos e um de estudo de caso, desvelando a tendência a olhar somente para si, a ponto de ignorar o que está acontecendo com o outro. Normalmente são traços que aparecem em pessoas mais egoístas, arrogantes e propensas a superestimar o próprio valor. Eventualmente essas características narcísicas se revelam como mecanismos de defesa para não entrar em contato com a baixa autoestima (EgoIndex↓, n=3 estudos de comparação entre grupos), o que predispõe as pessoas a caírem em uma depressão profunda.

Em relação aos estudos com grupos, observou-se outros prejuízos na autopercepção, tais como: muitas autocríticas negativas geradoras de uma visão pessimista do meio (MOR↑; n=5), pouca capacidade de introspecção e autocríticas realistas (FD+SumV=0; n=1), visão imatura de si e do outro (Htotal=0, PER; n=3), bem como predisposição para relacionamentos psicologicamente frios e distantes (SumT=0, H↓; n=6).

Considerando os estudos de caso, o que predominou foi a pouca capacidade de introspecção e autocríticas (FD+SumV=0; n=2). Apesar das diferenças entre os tipos de estudos (estudos de caso e comparação entre grupos), em todos eles os AVSs revelaram que desenvolveram poucos recursos psicológicos, especialmente aqueles que exigem um pouco mais de maturidade para estabelecer vínculos interpessoais mais próximos, e a percepção e internalização de influências emocionais mais sutis (T e V), bem como a capacidade perceber a si mesmos e as situações a partir de diferentes ângulos (FD e V), o que favorece a tomadas de decisões mais simplistas e superficiais, mesmos quando as situações exigem considerar questões mais complexas.

Esses prejuízos na autopercepção e predisposição para relacionamentos interpessoais distantes também foram observados em AVSS nos estudos de Ryan et al. (2008) e Gacono et al. (2011). Ou seja, os AVSS possuíam pobres recursos interrelacionais quando comparados com outros adultos, entretanto, também querem ter seus desejos sexuais atendidos. Diante disso, buscam vítimas vulneráveis, e estas tendem a ser, em sua maioria, crianças e adolescentes que se encontram em pleno desenvolvimento biopsicossocial, ou ainda pessoas adultas que, de alguma forma, também estejam vulneráveis. Essas pessoas priorizam seus desejos, por meio de uma visão em que ter relações sexuais com criança é tido como “normal”, pois não reconhecem o outro, e muito menos as sequelas físicas e psicológicas resultantes da violência sexual, pois não a veem como violência. Tais apontamentos indicam percepções errôneas e imaturas de si e do outro por parte dessas pessoas (Zúquete & Noronha, 2012).

Quanto aos aspectos afetivos, 44% dos estudos (n=4 sendo um estudo de caso e três comparativos entre grupos) verificaram que os AVSS possuem dificuldade em lidar com questões emocionais ou afetivas (Dåderman & Jonson, 2008; Pasqualini-Casado et al., 2008; Young et al., 2010, 2012). Referente aos estudos de comparação entre grupos, destaca-se que os AVSS não são receptíveis aos afetos, ou seja, evitam trocas afetivas, situações que mobilizam mais intensamente as emoções ($p < 0,55$). Além disso, tendem a não vivenciar sentimentos de muito estresse, remorso ou culpa ($V=0$), e estão predispostos para a perda do controle emocional ($CF\uparrow$; n=3).

No estudo de caso, os autores indicaram predisposição para perda do controle emocional ($CF\uparrow$; n=3). Isso implica em pouca capacidade de administrar descargas afetivas em relação às demais pessoas, mostrando-se mais sugestionáveis, lábeis e egocêntricos quanto às suas emoções, colocando-as como mais importante do que as emoções das demais pessoas. Além disso, raiva e ressentimento ($S\uparrow$; n=2) podem interferir na percepção da realidade. Todos esses aspectos observados, tanto nos resultados evidenciados por meio dos estudos de caso e comparativos entre grupos, podem interferir prejudicialmente nas relações interpessoais e, conseqüentemente, propiciar relacionamentos interpessoais superficiais, pobres e sem trocas empáticas.

Essas mesmas dificuldades emocionais e afetivas foram observadas em AVSs estudados por Ryan et al. (2008) e Gacono et al. (2011). O tipo de prejuízo nos aspectos afetivos pode ser notado no modo como sentem e vivenciam suas emoções, que vão na contramão das normas sociais, e indicam menor capacidade em administrar suas descargas afetivas do que a maioria dos adultos. Assim, quanto maior for a imaturidade das organizações afetivas maior será a impulsividade na liberação dessas emoções. Os autores também observaram nos AVSs participantes de suas pesquisas a falta de remorso e culpa genuínos diante dos problemas que os seus atos provocaram na vítima, o que é diferente de se arrepender por terem feito algo que os levou ao encarceramento.

Referente ao controle dos impulsos, 55% dos estudos (n=5 sendo quatro estudos de caso e um comparativo entre grupos) identificou nos AVSs impulsividade no controle dos impulsos em termos de pensamento (Carabellese et al., 2011; Pasqualini-Casado et al., 2008; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013; Huprick et al., 2004). Dentre esses estudos, dois (Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) referenciam a inabilidade empática e baixa disposição para pensar antes de agir (M↓), e quatro artigos, todos estudos de caso (Carabellese et al., 2011; Pasqualini-Casado et al., 2008; Scortegagna & Amparo, 2013; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) apontaram que os AVSs são mais propensos a condutas autogratificantes ante pressões instintivas (FM=0), o que indica que eles agem antes mesmo da necessidade básica surgir como pensamento intrusivo. E ainda dois artigos: um comparativo entre grupos e um estudo de caso (Jiménez Etcheverría, 2009; Pasqualini-Casado et al., 2008) identificaram poucos recursos eficientes para lidar com situações estressantes (EA↓). Huprick et al. (2004) observaram que os pedófilos apresentaram mais conteúdos orais dependentes (ROD//ODL), o que indica maior tendência a sentimentos de dependência, medo de não serem aceitos ou rejeitados pelas pessoas. Além disso, os três grupos apresentaram maior ocorrência de conteúdos agressivos do que a população em geral. No entanto, isso só se aplica para indivíduos encarcerados.

Na pesquisa de Gacono et al. (2011), a presença de mais pensamentos não deliberados, associados a irresponsabilidades e comportamentos

impulsivos (FM), foi maior no grupo de AVSs, o que corrobora com os achados evidenciados na presente revisão. Hackman et al. (2010) apontaram que o desenvolvimento de uma pessoa em um ambiente com baixo nível socioeconômico está relacionado com prejuízos no bem-estar psicológico, no desenvolvimento cognitivo e emocional no decorrer da vida. Tais prejuízos podem refletir em problemas maiores na conduta com comportamentos internalizantes (como a depressão e ansiedade), e externalizantes (como agressividade e impulsividade). Essa impulsividade nos AVSs faz deles pessoas mais propensas a agir em busca de satisfazer seus desejos sexuais antes mesmo que eles apareçam. Ou seja, não chegam a registrar essa necessidade sexual, e tendem a agir mais rápido que a maioria das pessoas, fazendo com que a necessidade nem chegue a aparecer.

Os resultados encontrados mostraram que não há um padrão único no que diz respeito aos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e no controle dos impulsos dos AVSs. Tais divergências podem ter ocorrido em função de 44% dos estudos serem de metodologia de estudo de caso. De qualquer forma, a maioria das investigações enumeradas apontam distorções cognitivas, mas não necessariamente o mesmo tipo de distorção, bem como diversos tipos de prejuízos na autopercepção e na forma de ver o outro, e ainda dificuldade em modular seus afetos. Embora pareça provável que a cognição distorcida, - os problemas na autopercepção nos afetos e no controle dos impulsos -, desempenhe um papel em crimes sexuais, numa ótica científica, as pesquisas levantadas neste estudo podem ser usadas para apoiar este ponto de vista.

Tendo em vista o objetivo geral do presente artigo, foram identificados e analisados nove estudos sobre as características de personalidade de AVSs evidenciadas por meio do teste de Rorschach, sendo todos do SC, e nenhum ainda com o R-PAS. Pode-se observar que se publicou mais nos anos 2008, 2010 e 2013, predominando as pesquisas de comparação entre grupos. E sobre os AVSs, há prevalência na faixa etária de 30 a 40 anos, com ensino fundamental e médio incompleto, sendo a maioria de etnia branca, considerados pessoas próximas das vítimas. Diante das características de personalidade dos AVSs, destacam-se prejuízos nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e no controle dos impulsos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou realizar uma revisão da literatura de publicações científicas em inglês, espanhol e português dos últimos 15 anos, considerando os Autores de Violência Sexual (AVSs) avaliados pelo teste de Rorschach. Por este levantamento, observou-se que o teste de Rorschach revelou-se um instrumento eficaz para gerar dados de personalidade implícitos nos diferentes processos de adaptação à realidade social dos participantes desses estudos.

Apesar disso, notou-se limitações nos estudos levantados que investigam a personalidade do AVS por meio do teste de Rorschach. Uma delas seria a prevalência de estudos de caso, que embora aprofundem na compreensão de um ou poucos AVSs, dificultam generalizar ou entender os aspectos da personalidade que mais corroborariam com tal comportamento na maioria dos AVSs. Outras limitações foram aqueles estudos que não apontam quais foram as variáveis do teste observadas e que sugerem suas discussões, prejudicando a comparação dos resultados desses autores com os de outros.

Contudo, os resultados evidenciaram que comumente os AVSs podem apresentar prejuízos nos aspectos cognitivos, afetivos, na autopercepção e no controle dos impulsos, mas que não são suficientes para comprometer a capacidade de discernir o que é certo do que é errado, bem como não perturbam a capacidade de entender as consequências de seus atos. Para esses tipos de prejuízos em AVSs, tem sido indicado, nos Estados Unidos, tratamento por meio da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), pois esse tipo de tratamento tem mostrado melhora na empatia sobre as vítimas, no auxílio da redução das distorções cognitivas, na forma de ver a si mesmo e ao outro de modo mais realista, na aprendizagem de modular aspectos afetivos e emocionais, além de auxiliar no controle de seus impulsos sexuais (Craig, Lindsay, & Browne, 2010; Soldino & Carbonell-Vayá, 2017).

Sugere-se ainda que pesquisas futuras nesta área se concentrem no desenvolvimento de novos delineamentos de estudos, como, por exemplo, pesquisas longitudinais que podem contribuir na investigação da efetividade ou eficácia dos programas de tratamento. Mais que isso: que outras

pesquisas permitam também a medição das distorções cognitivas, afetivas e na autopercepção do AVS por meio de delineamentos experimentais, e que possibilitem avaliar os fenômenos em termos de causa e efeito. Entende-se que dessa forma será possível avançar o conhecimento do *status* científico dos prejuízos dos AVSs e, com isso, promover uma prática clínica empiricamente mais eficaz para essas pessoas. Tais pesquisas se fazem necessárias não só como forma de ampliação do conhecimento do funcionamento psicológico do AVS, mas também como possibilidades para uma contribuição de forma técnica, tanto para o planejamento de tratamentos individualizados que auxiliem na definição de qual intervenção é mais efetiva, quanto para saber a quem. Pesquisas sobre essa temática podem subsidiar orientações para políticas voltadas a ações preventivas do abuso sexual, como, por exemplo, o convívio social no ambiente escolar, vizinhança e entre outros, e ainda auxiliar os profissionais que atuam de forma direta com esse público.

REFERÊNCIAS

- Beech, A. R., Craig, L., Browne, K. D., & Wiley, J. (2009). *Avaliação e tratamento de agressores sexuais: Um manual*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Brasil. (2013). Ministério da Saúde. *Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva): 2009, 2010 e 2011*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Carabellese, F., Maniglio, R., Greco, O., & Catanesi, R. (2011). The role of fantasy in a serial sexual offender: a brief review of the literature and a case report. *Journal of Forensic Sciences*, 56(1), 256-260. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1556-4029.2010.01536.x>.
- Carvalho, L. N., & Sousa, S. M. G. (2007). Perfil da população carcerária condenada por crimes de violência contra mulheres, crianças e adolescentes em Goiás: autores, violência e vítima. Em M. L. M. Oliveira, & S. M. G. Sousa (Eds.), *(Re)Descobrendo faces da violência sexual contra crianças e adolescentes* (pp. 99-126). Goiânia: Cãnone Editorial.

- Cortoni, F., Beech, A. R., & Craig, L. A. (2017). Sexual offenders. *Assessments in Forensic Practice: A Handbook*, 52.
- Craig, L. A., Lindsay, W. R., & Browne, K. D. (2010). Overview and structure of the book. Em L. A. Craig, W. R. Lindsay, & K. D. Browne (Eds.), *Assessment and Treatment of Sexual Offenders with Intellectual Disabilities: A Handbook* (pp. 03-12). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Dåderman, A. M., & Jonson, C. (2008). Lack of psychopathic character (Rorschach) in forensic psychiatric rapists. *Nordic Journal of Psychiatry*, 62(3), 176-185. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08039480801957327>.
- Davis, A., & Bremner, G. (2010). O método experimental em psicologia. Em G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds.), *Métodos de Pesquisa em Psicologia* (pp. 78-99). Porto Alegre: Artmed.
- Exner Jr, J. E., & Sendín, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fife-Schaw, C. (2010). Modelos quasi-experimentais. Em M. Glynis, S. Breakwell, C. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds.), *Métodos de Pesquisa em Psicologia* (pp. 100-115). Porto Alegre: Artmed.
- Gacono, C.B., Kivisto, A., Smith, J.M., & Cunliffe, T.B. (2016). The use of the Hare Psychopathy Checklist and Rorschach Inkblot Method in forensic psychological assessment. Em U. Kumar (Ed.), *The Wiley handbook of personality assessment* (pp. 249- 267). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Gacono, C. B., Meloy, J. R., & Bridges, M. R. (2011). A Rorschach understanding of psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles. Em C. B. Gacono, F. B. Evans, N. Kaser-Boyd, & L. A. Gacono (Eds.), *The Handbook of Forensic Rorschach Assessment* (pp. 3-20). New York: Routledge.
- Hackman, D. A., Farah, M. J., & Meaney, M. J. (2010). Socioeconomic status and the brain: mechanistic insights from human and animal research. *Nat Rev Neurosci*, 11(9), 651-659.

- Huprich, S. K., Gacono, C. B., Schneider, R. B., & Bridges, M. R. (2004). Rorschach oral dependency in psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles. *Behavioral Sciences and the Law*, 22(3), 345-356. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bsl.585>.
- Jiménez Etcheverría, P. (2009). Caracterización psicológica de un grupo de delincuentes sexuales chilenos a través del test de Rorschach. *Psykhé*, 18(1), 27-38. Recuperado de https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0718-22282009000100003&script=sci_arttext&tlng=en.
- Knight, R. A. & Guay, J. P. (2018). The role of psychopathy in sexual coercion against women: an update and expansion. Em C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy*, 2nd ed (pp. 662-681). New York: The Guilford Press.
- Machado, H. B., Lueneberg, C. F., Régis, E. I., & Nunes, M. P. P. (2008). Abuso sexual: diagnóstico de casos notificados no município de Itajaí/SC, no período de 1999 a 2003, como instrumento para a intervenção com famílias que vivenciam situações de violência. *Texto & Contexto - Enfermagem*. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/714/71414365007.pdf>.
- Marczyk, G., Dematteo, D., & Festinger, D. (2005). *Essentials of research design and methodology*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Marshall, L. E., O'Brien, M. D., & Kingston, D. A. (2009). Problematic hypersexual behavior in incarcerated sexual offenders and a socioeconomically matched community comparison group. *Paper presented at the 28th Annual Research and Treatment Conference for the Association for the Treatment of Sexual Abusers*. Dallas, TX.
- Marshall, W. L. (2018). A brief history of psychological theory, research, and treatment with adult male sex offenders. *Current Psychiatry Reports*, 20(8), 57.
- Martins, C. B. D. G., & Jorge, M. H. P. D. M. (2010). Abuso sexual en la infancia y la adolescencia: el perfil de las víctimas y de sus agresores en una ciudad del sur de Brasil. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 19(2), 246-255.

- Meyer, G. J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2017). *R-PAS Sistema de Avaliação por Performance no Rorschach manual de aplicação, codificação e interpretação e manual técnico*. São Paulo: Hogrefe.
- Nørbech, P. C. B., Fodstad, L., Kuisma, I., Lunde, K. B., & Hartmann, E. (2016). Incarcerated violent offenders' ability to avoid revealing their potential for violence on the Rorschach and the MMPI-2. *Journal of Personality Assessment*, 98(4), 419-429. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223891.2015.1129613>.
- Nørbech, P. C. B., Grønnerød, C., & Hartmann, E. (2016). Identification with a violent and sadistic aggressor: A Rorschach study of criminal debt collectors. *Journal of Personality Assessment*, 98(2), 135-145. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223891.2015.1063502>.
- Ó Ciardha, C., & Gannon, T. A. (2011). The cognitive distortions of child molesters are in need of treatment. *Journal of Sexual Aggression*, 17(2), 130-141. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13552600.2011.580573>.
- Pasqualini-Casado, L., Vagostello, L., Villemor-Amaral, A. E. de, & Nascimento, R. G. do. (2008). Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach, conforme o Sistema Compreensivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 293-301. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a15v21n2>.
- Porter, S. & Woodeworth, M. (2006). Psychopathy in Aggression. Em C. Patrick (Ed.). *Handbook of Psychopathy* (pp. 58-90). New York: Guilford.
- Ryan, G. P., Baerwald, J. P., & McGlone, G. (2008). Cognitive mediational deficits and the role of coping styles in pedophile and ephhebophile Roman Catholic clergy. *Journal of Clinical Psychology*, 64(1), 1-16. Recuperado de <https://doi.org/10.1002/jclp.20428>.

- Santos, C. A., Costa, M. C. O., Amaral, M. T. R., Nascimento, S. C. L., Musse, J. O., & Costa, A. M. (2015). Agressor sexual de crianças e adolescentes: análise de situações relacionadas à violação e vítimas. *Adolescência e Saúde*, 12(3), 7-20. Recuperado de <http://www.adolescenciaesaude.com/imprimir.asp?id=519>.
- Schlank, A., Matheny, S., & Schilling, J. (2016). Overview of assessment of sexual offenders. Em A. Phenix, & H. M. Hoberman (Eds), *Sexual Offending* (pp. 247-264). Springer, New York, NY.
- Scortegagna, S. A., & Villemor-Amaral, A. E. de. (2013). Rorschach e pedofilia: A fidedignidade do Teste-Reteste. *Psico*, 44(4), 508-517. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11651/10843>.
- Scortegagna, S., & Amparo, D. (2013). Avaliação psicológica de ofensores sexuais com o método de Rorschach. *Avaliação Psicológica*, 12(54), 411-419. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712013000300016&script=sci_arttext.
- Serafim, A. D. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I., & Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Revista de Psiquiatria Clínica*. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/acp/article/view/17252>.
- Soares, E. M. R., Silva, N. L., Matos, M. A. S., Araújo, E. T. H., Silva, L. R., & Lago, E. C. (2016). Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes. *Revista Interdisciplinar*, 9(1), 87-96.
- Soldino, V., & Carbonell-Vayá, E. J. (2017). Effect of treatment on sex offenders' recidivism: a meta-analysis. *Anales de Psicología*. Recuperado de <https://revistas.um.es/analesps/article/view/analesps.33.3.267961>.
- Szumski, F., & Zielona-Jenek, M. (2016). Child molesters' cognitive distortions. Conceptualizations of the term. *Psychiatria Polska*, 50(5), 1053-1063. Recuperado de <https://doi.org/10.12740/PP/37470>.
- Weiner, I. B., & Greene, R. L. (2017). *Handbook of Personality Assessment: Second edition*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

- Young, M. H., Justice, J. V., & Edberg, P. (2010). Sexual offenders in prison psychiatric treatment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54(1), 92-112. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306624X08322373>.
- Young, M. H., Justice, J., & Erdberg, P. (2012). A comparison of rape and molest offenders in prison psychiatric treatment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 56(7), 1103-1123. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306624X11417361>.
- Zúquete, J. G. P. E. S., & Noronha, C. V. (2012). “Foi normal, não foi forçado!” versus “Fui abusada sexualmente”: uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das vítimas e de testemunhas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22(4), 1357-1376. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000400006&lng=pt&tlng=pt.

Recebido em 26/10/2018

Aceito em 16/03/2020